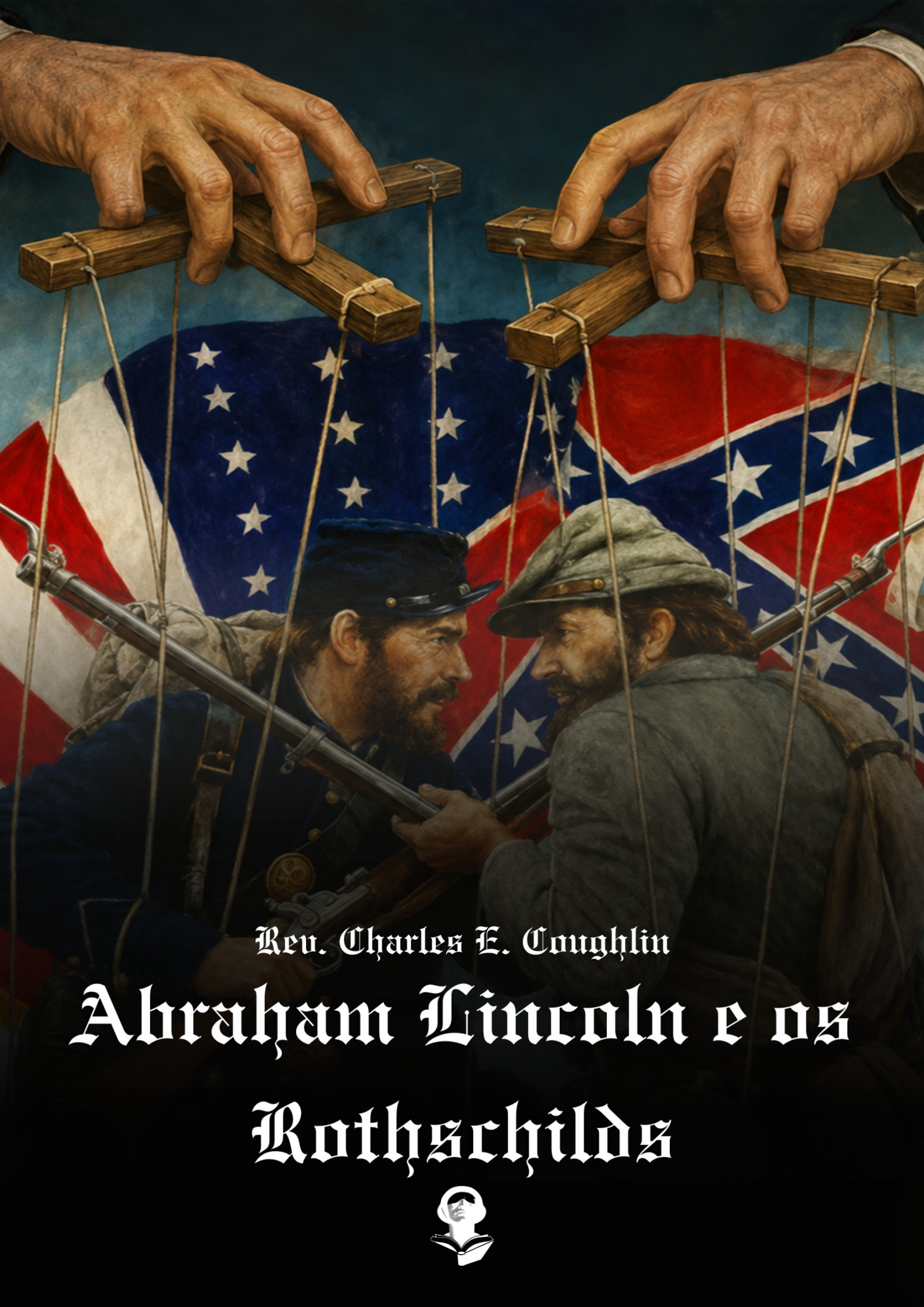




Rev. Charles E. Coughlin

Abraham Lincoln e os

Rothschilds



Rev. Charles E. Coughlin

Abraham Lincoln e os Rothschilds

A Guerra Civil Não Foi Travada por Causa da Escravidão, mas da
Liberdade Financeira



Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

A Guerra Civil Não Foi Travada por Causa da Escravidão, Mas da Liberdade Financeira.....	4
Divisão dos EUA Tramava-se em Londres.....	4
Judah P. Benjamin, Agente dos Rothschild.....	6
Intervenção do Czar Salvou os Estados Unidos.....	7
Código de Booth Encontrado no Baú de Benjamin.....	8
Bismarck Contou a História em 1876.....	8
Fatos Ocultos nos Arquivos Americanos.....	10
PARTE DOIS.....	11
A Circular Hazard.....	11
Detentores de Ouro Ditaram a Revisão da Lei Monetária.....	12
Carta dos Rothschild Revela Todo o Esquema.....	13
Banqueiros do Ouro Obtêm Grande Lucro no Acordo.....	14
A Guerra Deixou a América Endividada com Londres.....	15
O Governo Americano Deve Ser Destruído.....	16
Apêndice pelo Editor Moderno.....	17
John Wilkes Booth Era Judeu.....	17
Lincoln, o Racista.....	19

— PARTE UM —

A Guerra Civil Não Foi Travada por Causa da Escravidão, Mas da Liberdade Financeira

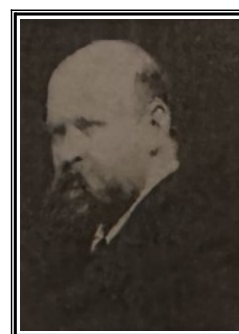
Os livros didáticos que foram cuidadosamente editados continuam a ensinar às crianças das escolas americanas que a Guerra Civil Americana foi travada por causa da questão da escravidão; isto é, que o Sul não queria libertar os escravos negros. Mas, se olharmos por trás das cenas, veremos que a “questão da escravidão” era apenas a questão de superfície. Abaixo da superfície corria uma corrente de intriga que terminou com o assassinato de Abraham Lincoln porque ele estava determinado a que os Estados Unidos fossem libertados da servidão dos banqueiros internacionais.

O Compromisso do Missouri foi escrito em 1820. Trinta anos depois, foi efetivado um compromisso subsequente, o de 1850. Durante trinta anos, os Estados Unidos haviam resolvido seus problemas — o problema da escravidão e, mais tarde, o problema dos direitos dos estados — de modo satisfatório. Mesmo já em 1857, o Ato Kansas-Nebraska, o toma lá dá cá das concessões, era eficaz. No entanto, no ano de 1857, decidiu-se pela guerra, não no próspero Sul, não no próspero Norte, mas em Londres, Inglaterra.

Divisão dos EUA Tramava-se em Londres

No ano de 1857, o poder financeiro da velha Europa concentrava-se na Casa de Rothschild. Disraeli os representava na Inglaterra; Napoleão III, na França; Bismarck, na Alemanha, e Mazzini, na Itália.

Segundo o Sr. John Reeves, que escreveu na página 228 de uma biografia autorizada intitulada, *Os Rothschilds*, os



Governantes Financeiros das Nações®, baseada em pesquisa em seus próprios arquivos, houve uma famosa reunião na cidade de Londres em 1857.

A grande família Rothschild reuniu-se vinda dos países da Europa para o casamento da filha de **Lionel Rothschild**, Leonora, com seu primo, Alphonse, filho de James Rothschild de Paris. Segundo consta, Disraeli teria dito:

“Se quiserem, dividiremos os Estados Unidos em duas partes, uma para você, James, e outra para você, Lionel. Napoleão fará exatamente tudo aquilo que eu o aconselhar a fazer.”

“No banquete após a cerimônia de casamento, o conde Persigny, embaixador francês, propôs um brinde à saúde da noiva e do noivo. Foi seguido pelo Sr. Disraeli, cujo dever era propor um brinde à saúde dos pais da noiva. Diz-se que seu discurso nessa feliz ocasião foi uma das melhores falas sociais que ele já proferiu, o que não é estranho, pois se sabe que ele foi, por muitos anos, um dos amigos mais íntimos da família, e do barão Lionel em particular. No decorrer de seu discurso, fez uma observação digna de ser reproduzida:

“Sob este teto estão os chefes do nome e da família Rothschild, um nome famoso em todas as capitais da Europa e em todas as regiões do globo; uma família não menos respeitada por suas riquezas do que estimada por sua honra, virtudes, integridade e espírito público.”

Oito anos depois, outro encontro festivo reuniu a família. Em 7 de junho de 1865, a filha mais nova, Evelina, casou-se com o barão Ferdinand, o filho mais velho do barão Salomon, de Viena. Infelizmente, essas festividades alegres foram seguidas por uma conclusão triste, pois a noiva, que sempre fora tão encantadora por sua doçura de temperamento e por suas maneiras graciosas, morreu no ano seguinte, ao dar à luz seu primeiro filho.” (“The Rothschilds”, John Reeves, 1887, ed. A.C. McClueg & Co, p. 228-229)

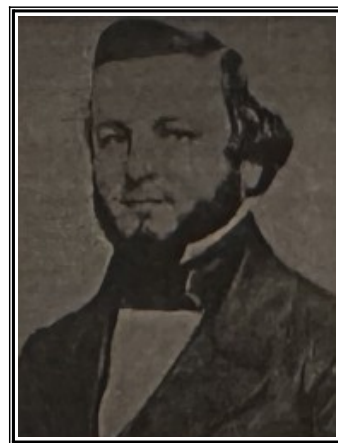
Assim, em Londres, vemos um plano fomentado pelo poder financeiro da Europa, mirando os Estados Unidos, e colocando o Norte

contra o Sul sob o velho princípio de “dividir para conquistar”. O Norte deveria tornar-se uma colônia britânica anexada ao Canadá, enquanto o Sul iria para Napoleão III, da França!

Judah P. Benjamin, Agente dos Rothschild

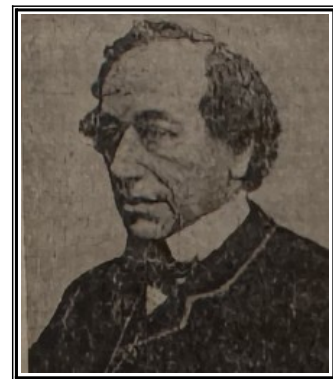
“O objetivo de Napoleão era assegurar a predominância dos franceses sobre as raças latinas e aumentar a influência dessas raças na América. Napoleão decidiu reconhecer a independência dos Estados Americanos rebeldes e instou repetidamente o governo britânico a juntar-se a ele nisso,” —segundo Mackenzie, em sua pesquisa histórica intitulada “*The Nineteenth Century*”.

Judah P. Benjamin [que era judeu] foi escolhido pelos Rothschild para fazer o trabalho deles nos Estados Unidos e foi o primeiro conselheiro de Jefferson Davis, o Presidente da Confederação Sulista. Benjamin foi chamado de “o cérebro da revolta”. Ele também foi Secretário de Estado da Confederação sob Jeff Davis. [Colchetes pelo Editor Moderno.]



A Confederação consistia em onze Estados do Sul unidos por uma Constituição escrita, modelada em parte a partir da nossa própria Constituição. Foi fundada no princípio fundamental de que cada um de seus onze Estados constituídos tinha o direito de se separar da União, ou de se separar dos outros 23 dos 34 estados da União.

No entanto, por instigação de Benjamin, e sob pressão de Napoleão, Texas e Louisiana foram colocados na mesa de negociação em troca, presumivelmente, da ajuda de Napoleão. Este último era apoiado por **Disraeli** [que era judeu], da Inglaterra, que havia assegurado à Confederação o apoio da Grã-Bretanha por trás dos nove Estados restantes, depois



que Texas e Louisiana fossem cedidos à França. [Colchetes pelo Editor Moderno.]

Intervenção do Czar Salvou os Estados Unidos

Tropas inglesas, francesas e espanholas haviam desembarcado em Vera Cruz em 1862. Desde 5 de junho de 1863, o general francês Bazaine (que era judeu) havia ocupado a capital do México. O perigo era grande. A genialidade do presidente Lincoln foi posta à prova. Ele sabia que o Norte, sozinho, não poderia ter resistido a tal combinação. Além disso, o arquiduque Maximiliano fora induzido a aceitar o trono do México. Mas o destino interveio.

O czar cristão da Rússia, Alexandre II,¹ por meio de seus embaixadores em Paris e Londres, soube do plano, soube do reconhecimento da Confederação pela Inglaterra, soube da trama dos Rothschild por trás de toda a manobra.

O czar enviou uma frota a San Francisco sob o comando do almirante S. Lesowsky, em 8 de setembro de 1863, e uma esquadra a Nova York sob o almirante A. A. Popoff. Ambos os almirantes tinham ordens do czar “para estarem prontos para combater qualquer potência e para receberem suas ordens apenas de Abraham Lincoln”. Nem é preciso dizer que essa ação generosa e vigorosa salvou os Estados Unidos da intriga estrangeira. **James Rothschild** ficou sem o México e os Estados do Sul, e Lionel não pôde capturar o Norte por meio de medidas militares. Mas os maquiavéis europeus estavam determinados à conquista financeira, se não à escravidão propriamente dita.

1 [Romanov] As Casas Reais da Inglaterra, Rússia e Alemanha eram estreitamente aparentadas por meio de casamentos entre si. Veja o livro mencionado na pág. ii deste, e veja: King, Kaiser, Tsar: Three Royal Cousins Who Led the World To War, Clay, 432 pp., enc., 23.00 (reg. 27.00) + P&H; George V. da Inglaterra, Wilhelm II. da Alemanha e Nicolau II. da Rússia. Veja também: The Great Red Dragon: The Foreign Money Power in the United States — or the London Money Power (1890), do Rev. L.B. Woolfolk, D.D., 328 pp., enc., 20.00 + P&H. The United States is Still a British Colony Extorting Taxes for the Crown! A Documentary Review of Charters and Treaties, c.400 pp., encadernação plástica tipo comb-bound, 20.00 + P&H. Nota da Modern Publisher.]

Código de Booth Encontrado no Baú de Benjamin

O bom czar, após várias tentativas malsucedidas contra sua vida, foi assassinado em 1881. Lincoln foi assassinado em 1865, em 4 de abril, por um ator, John Wilkes Booth, em cujo baú foram encontradas mensagens codificadas, cuja chave foi encontrada em posse de Judah P. Benjamin. Benjamin fugiu para a Inglaterra, onde morreu mais tarde.



O bom czar, **Alexandre II**, fora responsável, em 19 de setembro de 1861, por decreto imperial, pela emancipação dos servos russos, em número superior a 47 milhões. A servidão foi encerrada por um traço de pena. Mas, nos Estados Unidos, foram necessários bilhões de dólares e oceanos de sangue para libertar três milhões, não de servos, mas de escravos — por causa de uma trama infame dos senhores do dinheiro

ingleses e europeus. Bismarck sabia a verdade e a revelou em 1876 a um alemão, Conrad Siem, que a publicou em “*La Vieille France*”, (nº 216, março de 1921), quarenta e cinco anos depois.

Bismarck Contou a História em 1876

Bismarck escreveu: “A divisão dos Estados Unidos em duas federações de força igual foi decidida muito antes da Guerra Civil pela Alta Potência Financeira da Europa. Esses banqueiros temiam que os Estados Unidos, se permanecessem em um só bloco e como uma só nação, alcançassem independência econômica e financeira, o que abalaria sua dominação financeira sobre o mundo. A voz dos Rothschild predominava. Eles previram um espólio tremendo se pudessem substituir a vigorosa

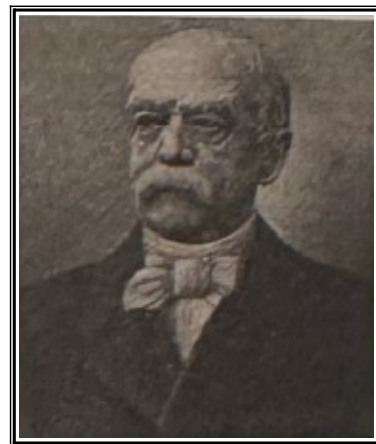
República, confiante e autossuficiente, por duas democracias frágeis, endividadas com os financistas judeus. Portanto, enviaram seus emissários a fim de explorar a questão da escravidão e, assim, cavar um abismo entre as duas partes da República.

“Lincoln nunca suspeitou dessas maquinações subterrâneas. Ele era antiescravista, e foi eleito como tal. Mas seu caráter o impedia de ser o homem de um só partido. Quando passou a ter os assuntos em suas mãos, percebeu que esses financistas sinistros da Europa, os Rothschilds, desejavam fazer dele o executor de seus desígnios. Eles tornaram iminente a ruptura entre o Norte e o Sul! O mestre das finanças na Europa tornou essa ruptura definitiva a fim de explorá-la ao máximo. A personalidade de Lincoln os surpreendeu. Sua candidatura não os preocupou; pensavam facilmente enganar o candidato lenhador. Mas Lincoln leu seus planos e logo compreendeu que o Sul não era o pior inimigo, e sim os financistas judeus. Não confiava nas aparências, observava os gestos da Mão Oculta; não desejava expor publicamente as questões que apenas desconcertariam as massas ignorantes.

“Lincoln decidiu eliminar o banqueiro internacional estabelecendo um sistema de empréstimos, permitindo que os Estados tomassem empréstimos diretamente do povo, sem intermediários. Ele não estudou questões financeiras, mas seu sólido bom senso revelou a ele que a fonte de qualquer riqueza reside no trabalho e na economia da nação. Opôs-se às emissões feitas por intermédio dos financistas internacionais. Obteve do Congresso o direito de tomar empréstimos do povo vendendo-lhe os “títulos” dos Estados. Os bancos locais ficaram muito satisfeitos em ajudar tal sistema. E o governo e a nação escaparam das tramas dos financistas estrangeiros. Eles compreenderam imediatamente que os Estados Unidos escapariam de seu domínio. A morte de Lincoln foi decidida. Nada é mais fácil do que encontrar um fanático para atacar. A morte de Lincoln foi o desastre para a Cristandade.”

Continua **Bismarck**:

“Não havia homem algum nos Estados Unidos grandioso o bastante para calçar suas botas. E os judeus foram, mais uma vez, apoderar-se das riquezas do mundo. Temo que os bancos judeus ágeis, com sua astúcia e seus truques tortuosos, controlem por completo as exuberantes riquezas da América e as usem para corromper sistematicamente a civilização moderna. Os judeus não hesitarão em mergulhar toda a Cristandade em guerras e caos, a fim de que “a terra se torne a herança de Israel”.²



Fatos Ocultos nos Arquivos Americanos

Assim, a história não escrita vem à luz com o passar dos anos. Mais uma vez, repetimos que a citação acima de Bismarck foi divulgada ao público em 1921, cerca de quarenta e cinco anos depois de ter sido escrita. Tenha em mente também que os arquivos oficiais do Governo dos Estados Unidos, relativos à Guerra Civil, não estarão disponíveis até 1965, ou 100 anos depois do acontecimento. Portanto, fomos obrigados a recorrer a fontes europeias para obter os fatos.

2 Correção, não “Israel”, mas os judeus. Os judeus não são o Israel Bíblico; veja: Are You An Anti-Semite?, God’s Chosen People: Who Is, Who Isn’t and Why, True Caucasian Christianity Corrupted into Well-Intentioned Nordic Paganism, e Uncovering the Mysteries of Your Hidden Inheritance, Segundo consta, em seu leito de morte, o filho de Coughlin compartilhou com ele o fato de que os anglo-saxões e povos relacionados povos são os israelitas da Bíblia, e os judeus não o são, mas são os cananeus da Bíblia, tendo roubado o verdadeiro nome de Israel. Ao ouvir uma breve exposição dos fatos, Coughlin teria exclamado: “É isso! É isso que faltava para resolver o quebra-cabeça!” Entretanto, não consegui encontrar qualquer fonte que documente essa anedota. Nota da Modern Publisher.]

— PARTE DOIS —

Quando a Guerra Civil entrou nos dias críticos de 1862, o presidente Lincoln estava em extrema necessidade de dinheiro para cumprir as obrigações do Governo naquele conflito. Foram-lhe oferecidos empréstimos pelos interesses bancários, mas, em dezembro de 1861, os bancos haviam entrado em colapso e suspenso os pagamentos em moeda metálica. Um projeto de lei foi aprovado pelo Congresso em 25 de fevereiro de 1862, pelo qual o Governo poderia emitir 150 milhões de dólares, que teriam pleno curso legal para todas as dívidas nos Estados Unidos e representaram uma conquista para Lincoln. No entanto, os interesses bancários ficaram furiosos.

A Circular Hazard

Em julho de 1862, o Banco da Inglaterra (que era, e ainda é, dominado pela família Rothschild) emitiu a notória Circular Hazard, que foi criteriosamente distribuída entre os interesses bancários da América. Ela dizia:

“É provável que a escravidão seja abolida pelo poder de guerra e que a escravidão como propriedade seja destruída. Eu e meus amigos europeus nos alegramos com isso, pois a escravidão não passa da posse do trabalho e traz consigo o cuidado dos trabalhadores, ao passo que o plano europeu, liderado pela Inglaterra, é que o capital controle o trabalho controlando os salários. Isso pode ser feito controlando-se o dinheiro. A grande dívida que os capitalistas farão questão de que seja criada pela guerra deve ser usada como meio de controlar o volume de dinheiro. Para realizar isso, os títulos devem ser usados como base bancária. Estamos agora aguardando que o Secretário do Tesouro faça sua recomendação ao Congresso. Ela não servirá para permitir que o greenback, como é chamado, circule como dinheiro por qualquer período de tempo, pois não podemos controlar isso.”

O termo “greenback” foi empregado pelos interesses bancários para enganar as massas. O ridículo e a zombaria foram ligados a ele pela simples razão de que ele não rendia juros nem tributo aos banqueiros e era simplesmente uma moeda não cancelável dos Estados Unidos emitida pelo Governo.

Detentores de Ouro Ditaram a Revisão da Lei Monetária

Em duas outras ocasiões — julho de 1862 e março de 1863 — o Congresso emitiu um total de 300 milhões de dólares em Notas dos Estados Unidos, ou greenbacks, mas os banqueiros cuidaram para que elas contivessem a seguinte cláusula restritiva:

“Esta nota é moeda de curso legal para todas as dívidas, públicas e privadas, exceto impostos sobre importações e juros da dívida pública.”

Essa ressalva permitiu aos Rothschilds, que tinham um controle sobre o ouro, criar um mercado para seu ouro. Se fosse permitido aos “greenbacks” manterem seu valor integral de curso legal, não haveria necessidade do ouro dos Rothschilds para pagar impostos de importação. O preço do ouro subiu para aproximadamente US\$ 2,85 medidos em greenbacks. Todos os importadores eram obrigados a recorrer aos interesses bancários para comprar ouro a fim de pagar impostos sobre seus produtos, e os financistas de Wall Street detinham o poder de fixar o preço.

A Guerra Civil ainda estava em curso. Lincoln ensinava ao povo que os títulos eram necessários e que o papel-moeda, emitido em proporção à riqueza do país, livre de dívidas em sua origem, era o único tipo de moeda que deveria ser permitido. No entanto, as cláusulas restritivas das duas emissões posteriores de greenbacks prejudicaram seriamente os esforços do Presidente por um sistema monetário honesto, e o Sr. Lincoln foi forçado, no calor da Guerra Civil, a permitir — porque não podia deter as maquinações malignas dos manipuladores do dinheiro — a Lei Nacional Bancária de 25 de fevereiro de 1863, que concedeu aos bancos privados

uma autorização nacional para emitir e emprestar dinheiro. Em resumo, ela permitia que corporações privadas cunhassem e regulassem o valor do dinheiro.

Mas Lincoln estava determinado a encerrar essa situação assim que a paz pudesse ser assegurada. Ele estava decidido a ter um sistema monetário constitucional porque via que a escravidão financeira era apenas menos sutil do que a escravidão da propriedade humana, um pouco mais refinada, mas, no fim, a exploração cruel e despótica do povo americano.

Carta dos Rothschild Revela Todo o Esquema

Em 25 de junho de 1863, os irmãos Rothschild enviaram uma carta aos Srs. Ikheimer, Morton e Vandergould, no nº 3 de Wall Street, Nova York, que dizia o seguinte:

“Prezados Senhores: Um certo Sr. John Sherman nos escreveu de uma cidade em Ohio, E.U.A., a respeito dos lucros que podem ser obtidos no negócio Bancário Nacional sob uma lei recente de seu Congresso, cuja cópia acompanhava sua carta. Aparentemente, essa lei foi elaborada com base no plano formulado aqui no último verão pela Associação dos Banqueiros Britânicos e recomendado por essa Associação aos nossos amigos americanos como algo que, se promulgado como lei, se mostraria altamente lucrativo para a fraternidade bancária em todo o mundo.

“O Sr. Sherman declara que nunca antes houve uma oportunidade tão grande para os capitalistas acumularem dinheiro como a apresentada por essa lei, e que o antigo plano dos Bancos Estaduais é tão impopular que o novo esquema, por contraste, será visto de modo muito favorável, apesar do fato de os Bancos Nacionais terem controle quase absoluto das finanças nacionais.

“Os poucos que conseguem compreender o sistema”, diz ele (Sherman), “estarão tão interessados em seus lucros ou tão dependentes de seus favores que não haverá oposição por parte dessa classe; enquanto, por

outro lado, a grande massa do povo, mentalmente incapaz de compreender as enormes vantagens que o capital obtém do sistema, suportará seus encargos sem reclamar e talvez até sem suspeitar que o sistema é inimigo de seus interesses.” “...Aguardando sua resposta, somos, ...”

Banqueiros do Ouro Obtêm Grande Lucro no Acordo

Eis o ponto de vista do banqueiro: ele viu uma nota greenback original de Lincoln do ano de 1862. Leu as palavras assustadoras: “Esta nota é moeda de curso legal para todas as dívidas públicas e privadas.” Não havia nenhum dólar (em lucro) a ser feito privadamente com esse tipo de moeda. O banqueiro astuto iniciou imediatamente sua campanha em duas frentes. Uma era substituir os títulos que rendiam juros por essas propriedades de curso legal.

Consequentemente, na segunda e terceira emissões de notas de curso legal de Abraham Lincoln, encontramos a linguagem substituída: “Esta nota é moeda de curso legal para todas as dívidas públicas e privadas, exceto impostos sobre importações e juros da dívida pública.”

O ouro passaria agora a ser exigido para os juros sobre a dívida pública, e a fonte do ouro seriam os impostos sobre importações, que deveriam ser pagos em ouro. Agora o banqueiro havia aperfeiçoado seu esquema tortuoso. A emissão seguinte de títulos foi de 500 milhões de dólares. Ela rendia juros à taxa de 7 por cento. Os títulos caíram de valor para abaixo de 70. Tomemos como hipótese que, nesse dia específico, o banqueiro investiu um milhão de dólares em títulos. O milhão de dólares era papel-moeda, os greenbacks de Abraham Lincoln. Compraram exatamente 1 milhão, 428 mil, 571 dólares e quarenta e um centavos em títulos.

Os títulos, repetimos, rendiam juros à taxa de 7 por cento, ou 100 mil dólares por ano. Mas esses 100 mil dólares agora eram pagáveis em ouro. Contudo, em relação aos greenbacks, o ouro era cotado a 240 e até mais. Isso significava que o banqueiro que investiu um milhão de dólares

comprou 1 milhão, 428 mil, 571 dólares e quarenta e um centavos em títulos, rendendo cem mil dólares por ano em papel-moeda de 240. Os juros eram de 24 por cento.

Era vantajoso para o banqueiro depreciar as notas de curso legal, depreciar os títulos e tornar os juros pagáveis em ouro.

A Guerra Deixou a América Endividada com Londres

Não é de admirar que Mary E. Hobart, em seu livro *The Secrets of the Rothschilds*, tenha dito:

“Como foi, então, que este Governo, vários anos depois de terminada a guerra, se viu devendo, em Londres e em Wall Street, várias centenas de milhões de dólares a homens que nunca lutaram uma batalha, que nunca fizeram um uniforme, nunca forneceram uma libra de pão, que nunca fizeram um dia honesto de trabalho em toda a sua vida?... O fato é que bilhões, devidos ao suor, às lágrimas e ao sangue dos trabalhadores americanos, foram despejados nos cofres desses homens por absolutamente nada. Essa ‘dívida sagrada de guerra’ foi apenas um esquema gigantesco de fraude, concebido por capitalistas europeus e transformado em leis americanas com a ajuda de congressistas americanos, que eram seus capangas pagos ou seus tolos ignorantes. O fato de esse crime ter permanecido encoberto deve-se ao poder do preconceito, que raramente permite à vítima ver com clareza ou raciocinar corretamente; ‘O poder do dinheiro prolonga seu reinado atuando sobre os preconceitos’, disse Lincoln.”

Não é de admirar que Abraham Lincoln tenha sido levado a dizer:

“Como resultado da guerra, as corporações foram entronizadas, e uma era de corrupção nos altos escalões se seguirá, e o poder do dinheiro do país se esforçará para prolongar seu reinado atuando sobre os preconceitos do povo até que a riqueza esteja concentrada nas mãos de poucos e a República seja destruída. Sinto, neste momento, mais ansiedade pela

segurança do meu país do que jamais senti antes, mesmo em meio à guerra.”

Lincoln estava bem ciente do sistema monetário perverso que os banqueiros haviam imposto ao povo americano ao subornar congressistas e enganar o povo americano.

O Governo Americano Deve Ser Destruído

Em 1865, o *London Times* publicou o seguinte editorial, que revelou o segredo por completo:

“Se essa política financeira maliciosa [o Governo dos Estados Unidos emitindo moeda livre de juros e livre de dívidas], que teve sua origem na República Norte-Americana durante a guerra (1861-65), tornar-se firmemente estabelecida até se converter em uma prática fixa, então esse Governo fornecerá seu próprio dinheiro sem custo. Pagará suas dívidas e ficará sem dívida. Terá todo o dinheiro necessário para conduzir seu comércio. Tornar-se-á próspero além de qualquer precedente na história dos governos civilizados do mundo. Os cérebros e a riqueza de todos os países irão para a América do Norte. Esse governo deve ser destruído, ou destruirá todas as Monarquias do globo!”

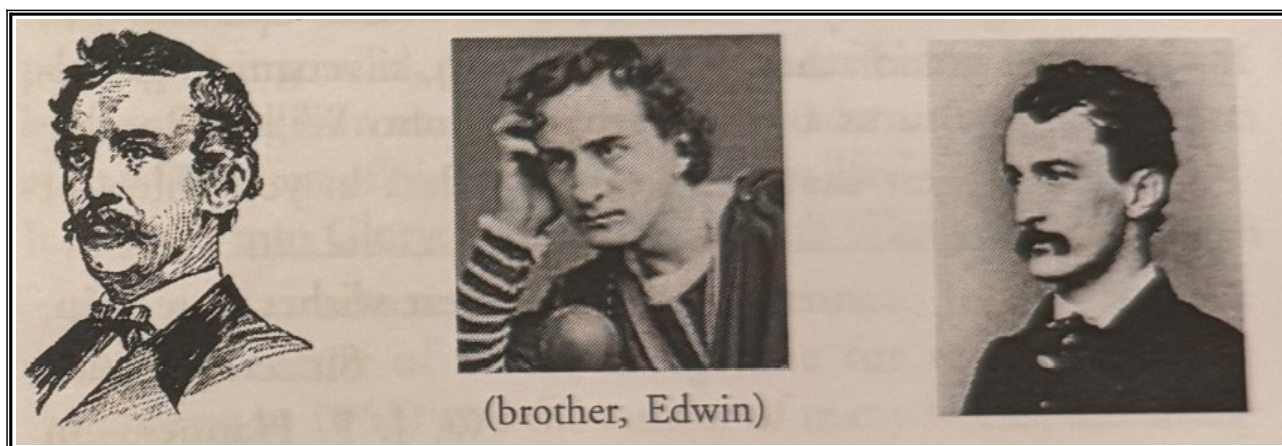
Eis aqui uma admissão pública dos banqueiros, por meio de sua imprensa controlada, de que a moeda livre de dívidas não é apenas prática, mas seria bem-sucedida a ponto de tornar-se “próspera além de qualquer precedente na história dos governos civilizados do mundo.” Sua admissão confirmou as ideias de Lincoln, segundo as quais os pais fundadores tiveram a previsão de estabelecer um sistema monetário honesto e incorporar essa doutrina à Constituição Americana com as palavras: “O Congresso terá o poder de cunhar moeda e regular seu valor, *e de moedas estrangeiras*.”

E, se fossem necessárias mais provas de que Lincoln entendia de dinheiro, temos o fato incontestável de que os 347 milhões de dólares em

notas dos Estados Unidos emitidas por Abraham Lincoln ainda estão em uso e não rendem absolutamente nenhum juro. Somente os juros sobre 346 milhões de dólares, calculados a 3 por cento, somam mais de 809 milhões de dólares nos últimos 78 anos. Essa quantia foi poupada ao povo americano por Lincoln ao emitir essa moeda de acordo com os ditames da Constituição Americana. Isso ainda poderia ser feito hoje se tivéssemos um Lincoln como presidente, que não apenas promettesse, mas executasse suas promessas com ação destemida. Lincoln foi assassinado por John Wilkes Booth em 14 de abril de 1865.

—— Apêndice pelo Editor Moderno ——

John Wilkes Booth Era Judeu



Pompton Plains, N. J.,
2 de setembro de 1960.

Para:
Sr. Gerald L. K. Smith, Diretor,
Christian Nationalist Crusade,
P. O. Box 27895,
Los Angeles 27 Calif.

Prezado Sr. Smith:

Depois de minha carta ao senhor a respeito da origem de John Wilkes Booth, gostaria de informar que obtive uma cópia do livro, This One Mad

Act, the Unknown Story of John Wilkes Booth and His Family, de sua neta Izola Forrester, publicado por Hale, Cushman & Flint, Boston, 1937, livro no qual se afirma, na página 135, que John Wilkes Booth, que assassinou o presidente Abraham Lincoln, cujo verdadeiro nome era Botha, era descendente judeu de Ricardo Botha, advogado de Madri, Espanha, um judeu espanhol cujo filho mudou seu nome para Richard Booth e seguiu para Londres, Inglaterra, e exerceu o ofício de ourives, e que foi o pai de Junius Brutus Booth, que se estabeleceu em Baltimore, Maryland, e que, por sua vez, foi o pai de John Wilkes Booth, o assassino do presidente Abraham Lincoln.

Em outro livro intitulado, The Mad Booths of Maryland, de Stanley Kimmel, publicado pela Bobbs & Merrill, copyright, 1940, Indianápolis e Nova York, afirma-se na página 58 que o avô Richard Booth mudou-se para uma taverna em Baltimore, Maryland, onde morreu em 28 de dezembro de 1839; a laje de pedra que marcava seu túmulo em um cemitério de Baltimore trazia uma inscrição hebraica.

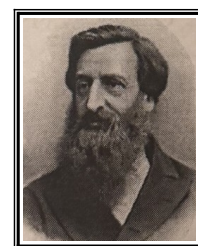
A linhagem, em resumo, é a seguinte: Ricardo Botha, judeu espanhol, advogado, bisavô; Richard Booth, ourives, avô; Junius Brutus Booth, pai de John Wilkes Booth.

Sugiro que o senhor guarde esses dados em seus arquivos para referência futura.

Com os melhores votos, subscrevo-me,
Atenciosamente,
W. J. F. Hannenmann.

Endereço: Wm J. F. Hannemann
452 Turnpike
Pompton Plains, N. J.

O fundador do Exército de Salvação, **William Booth**, também era judeu³, e a própria organização foi questionada por alguns. Mas não há evidência que eu tenha encontrado que sugira que os dois Booths fossem diretamente aparentados.



³ Veja: The Salvation Army: Its Jewish Origin, Methods, and Tyranny® e The Clash of The Cymbals: The Secret History of the Revolt in the Salvation Army.®

Lincoln, o Racista

(Ou: Steven Spielberg, Ligue para o Seu Escritório)

10 de novembro de 2012

por Thomas J. DiLorenzo⁴

<http://lewrockwell.com/dilorenzo/dilorenzo241.html>

Copyright © 2012 por LewRockwell.com. Permissão para reimprimir no todo ou em parte é concedida de bom grado, desde que o devido crédito seja dado.

“Quem libertou os escravos? Na medida em que algum dia foram “libertados”, foram libertados pela Décima Terceira Emenda, que foi redigida e levada à existência sob pressão não por Lincoln, mas pelos grandes emancipadores que ninguém conhece, os abolicionistas e líderes congressionais que criaram o clima e geraram a pressão que incitou, cutucou, impeliu e forçou Lincoln à glória ao associá-lo a uma política à qual ele se opôs obstinadamente por pelo menos cinquenta e quatro dos cinquenta e seis anos de sua vida.” (Lerone Bennett, Jr., Forced into Glory: Abraham Lincoln’s White Dream, p. 19)

Permita-me apresentar Lerone Bennett, Jr., que foi editor-executivo da revista *Ebony* por várias décadas (a partir de 1958) e autor de muitos livros, incluindo uma biografia de Martin Luther King, Jr. (What Manner of Man: A Biography of Martin Luther King) e Forced into Glory: Abraham Lincoln’s White Dream. Bennett formou-se no Morehouse College, em Atlanta, e escreveu centenas de artigos sobre história e cultura afro-americanas durante sua carreira na *Ebony*. Ele passou mais de vinte anos pesquisando e escrevendo Forced into Glory, uma crítica contundente de Abraham Lincoln baseada em montanhas de verdades.

Forced into Glory, publicado em 2000, foi em grande parte ignorado pelo culto a Lincoln, embora tenha havido algumas “resenhas” tímidas feitas por críticos que jamais realizaram um décimo de milésimo da pesquisa que Lerone Bennett fez sobre o assunto. Como homem negro, ele foi poupado do mantra de ser “ligado a grupos de ódio extremistas” pelos esquerdistas brancos como a neve do Southern Poverty Law Center, o principal grupo de ódio da esquerda radical. Também foi poupado da

4 Thomas J. DiLorenzo é professor de economia no Loyola College, Maryland. Veja títulos de sua autoria.®

insinuação normalmente automática desse grupo de ódio de que qualquer crítico de Lincoln deve desejar secretamente que a escravidão jamais tivesse acabado. Eles, normalmente ficavam sentados e esperavam que ele desaparecesse.

Lerone Bennett, Jr. sustenta que é quase impossível para o cidadão comum saber muito de qualquer coisa sobre Lincoln, apesar do fato de que literalmente milhares de livros foram escritos sobre ele. “Um século de mentiras” é como ele descreve a “erudição” sobre Lincoln. Ele fornece milhares de fatos documentados para sustentar seu argumento.

Sobre o tema do novo filme de Steven Spielberg sobre Lincoln, que trata inteiramente do suposto papel de Lincoln em fazer lobby pela Décima Terceira Emenda que pôs fim à escravidão, Bennett assinala: “Há uma ficção agradável segundo a qual Lincoln . . . tornou-se um defensor ardoroso da emenda e usou o poder de seu cargo para comprar votos a fim de assegurar sua aprovação. Não há nenhuma evidência, como observou David H. Donald, que sustente essa ficção . . .” Na medida em que Lincoln de fato apoiou, por fim e hesitante, a emenda, Bennett argumenta que foi ele quem foi literalmente forçado a fazê-lo por outros políticos, e não o contrário, como retratado no filme de Spielberg. (David Donald, a propósito, é o principal estudioso de Lincoln de nossos dias e biógrafo vencedor do Prêmio Pulitzer).

Sobre a questão da Proclamação de Emancipação, Bennett assinala corretamente que “J.G. Randall, que foi chamado de ‘o maior estudioso de Lincoln de todos os tempos’, disse que a Proclamação em si não libertou um único escravo”, pois se aplicava apenas ao território rebelde e isentava especificamente áreas dos E.U.A. como todo o estado da Virgínia Ocidental, onde o Exército dos E.U.A. estava no controle na época. (James G. Randall foi, de fato, o mais prolífico estudioso de Lincoln de todos os tempos e o mentor acadêmico de David Donald na Universidade de Illinois).

Lerone Bennett fica compreensivelmente indignado com a forma como o culto a Lincoln encobriu o racismo de Lincoln por mais de um século, fingindo que ele não era um homem de seu tempo. Ele cita Lincoln

dizendo, no primeiro debate Lincoln-Douglas em Ottawa, Illinois, por exemplo, que ele negava querer “fazer com que crioulos e pessoas brancas se casassem” (Collected Works of Abraham Lincoln, vol. 3, p. 20). Em *Forced into Glory*, Bennett mostra que Lincoln usava de modo bastante compulsivo o termo com N; era um grande fã de espetáculos de menestréis em “blackface”; era famoso por suas piadas racistas; e que muitos de seus nomeados para a Casa Branca ficavam chocados com sua linguagem racista.

Lincoln também não hesitava em divulgar publicamente suas opiniões racistas. Bennett cita seu discurso durante um debate com Douglas em Charleston, Illinois, em 18 de setembro de 1858 (Collected Works of Abraham Lincoln, vol. 3, pp. 145-146):

“Direi, então, que não sou, nem jamais fui, favorável a promover de qualquer forma a igualdade social e política das raças branca e negra; que não sou, nem jamais fui, favorável a fazer dos negros eleitores ou jurados, nem a qualificá-los para ocupar cargos públicos, nem para casar-se com pessoas brancas; e acrescentarei a isso que existe uma diferença física entre as raças branca e negra que, acredito, para sempre impedirá as duas raças de viverem juntas em termos de igualdade social e política. E, na medida em que não podem viver assim, enquanto permanecerem juntas deve haver a posição de superior e inferior; e eu, tanto quanto qualquer outro homem, sou favorável a que a posição superior seja atribuída à raça branca.”

Bennett documenta que Lincoln declarou publicamente que “a América foi feita para o povo branco e não para os negros” (p. 211), e que “pelo menos vinte e uma vezes, disse publicamente que era contrário a direitos iguais para os negros.” “O que eu mais desejaria ver seria a separação das raças branca e negra”, disse Lincoln (Collected Works of Abraham Lincoln, vol. 2, p. 521).

Ao ler *Forced into Glory*, tem-se a clara impressão de que Bennett ficou cada vez mais irritado com as constantes desculpas, encobrimentos e invenções dos “estudiosos” de Lincoln. No entanto, ele nunca perde de

vista seu objetivo e é implacável ao lançar fatos no rosto dos cultistas de Lincoln.

Como membro da legislatura de Illinois, Lincoln instou os legisladores “a apropriar dinheiro para a colonização a fim de remover os negros do estado e impedir a miscigenação” (p. 228). Como presidente, Lincoln trabalhou incessantemente em planos para “colonizar” (isto é, deportar) toda a população negra para fora da América. Isso é o que Bennett chama de “Sonho Branco” de Lincoln, e pesquisas recentes do mais alto calibre o confirmam. Refiro-me ao livro *Colonization after Emancipation*, de Phillip Magness, da American University, e Sebastian Page, da Universidade de Oxford, que, usando registros dos arquivos nacionais americano e britânico, prova que, até seu último dia de vida, Lincoln estava negociando com a Grã-Bretanha e outros governos estrangeiros para deportar todos os escravos prestes a serem libertados para fora dos E.U.A.

O culto a Lincoln, que inventou desculpas para tudo, argumentou durante anos que Lincoln abandonou misteriosamente sua obsessão pela “colonização” por volta de 1863. Magness e Page provam que isso é um absurdo.

Em Illinois, a constituição estadual foi emendada em 1848 para proibir que negros livres residissem no estado. Lincoln apoiou isso. Ele também apoiou os Códigos Negros de Illinois, sob os quais “os negros de Illinois não tinham direitos legais. Os brancos eram obrigados a respeitar nenhum deles.” “Nada disso perturbava Lincoln”, escreve Bennett.

Bennett também assinala o claro fato histórico de que Lincoln apoiou fortemente a Lei do Escravo Fugitivo, que obrigava os nortistas a caçar escravos fugitivos e devolvê-los a seus proprietários. Ele admitidamente nunca disse uma palavra sobre a escravidão em público até estar na casa dos cinquenta anos, enquanto todos os demais no país gritavam sobre a questão. Quando se opunha à escravidão, assinala Bennett, era sempre em abstrato, acompanhado de alguma declaração no sentido de que não sabia o que poderia ser feito a respeito. E, como candidato presidencial, ele jamais se opôs à escravidão no Sul, apenas à expansão da escravidão para

os territórios, explicando que “nós” queríamos preservar os Territórios “para pessoas brancas livres” (Collected Works of Abraham Lincoln, vol. 3, p. 311). Nas próprias palavras de Bennett: “Nunca se deve esquecer que Lincoln sempre falava em línguas ou em código privado quando falava sobre escravidão ou negros. E, embora dissesse ou parecesse dizer que a escravidão era errada, ele sempre qualificava a afirmação no mesmo discurso ou em um discurso subsequente, dizendo ou que a escravidão era errada em um sentido abstrato ou que era errada na medida em que buscava se espalhar.” Afinal, ele era um mestre político, o que, como Murray Rothbard disse certa vez, significa que era um mestre da mentira, da conspiração e da manipulação.

Todas essas verdades, e muitas outras, foram ignoradas, varridas para debaixo do tapete, ou enterradas sob milhares de páginas de desculpas pelo culto a Lincoln ao longo do século passado e mais, em livros e em filmes como o novo filme de Lincoln, de Steven Spielberg. Depois de passar um quarto de século pesquisando e escrevendo sobre o assunto, Lerone Bennett, Jr. concluiu que “Lincoln é teologia, não historiologia. Ele é uma fé, é uma igreja, é uma religião, e tem seus próprios sacerdotes e acólitos, a maioria dos quais tem interesse adquirido no ‘grande emancipador’ e se opõe apaixonadamente a qualquer um que diga a verdade sobre ele” (p. 114). E, “com raras exceções, você não pode acreditar no que qualquer grande estudioso de Lincoln lhe diz sobre Abraham Lincoln e raça.” Amém, Irmão Lerone. [Fim da informação por DiLorenzo.]

Esta última citação de Bennett, embora verdadeira, também está, em sua base, promovendo uma premissa falsa e não declarada. Ela presume que a verdadeira religião, a adoração, o estudo e a obediência/serviço ao único Deus verdadeiro (conforme revelado nas Sagradas Escrituras), baseia-se em mito, superstição, charlatanismo, fanatismo, mentiras, falsidades e propaganda de um pequeno grupo de homens que querem

perpetuar o mito para perpetuar seu próprio poder. Pessoas inescrupulosas e malignas perverterão até mesmo as coisas mais puras (a igreja cristã); mas isso não invalida aquilo que elas pervertem, apenas o erro perverso de fazê-lo.

Assim, mais precisamente, ele está certo, se se compreender adequadamente que o Lincolnianismo é uma religião *falsa*, um dogmatismo raivoso e *inválido*, uma “fé” mitológica cega e errônea (superstição) que não tem relação com o Lincoln real; é uma ideia corrupta promovida por pessoas corruptas com uma agenda corrupta. Crianças sofreram lavagem cerebral desde a infância para adorar Lincoln... a maioria de todas as crianças do ensino fundamental, quando eu estava crescendo, escolheria Lincoln como seu presidente favorito, simplesmente porque foi ensinado que ele era o maior e a lavagem cerebral era tão completa que era uma reação automática arraigada (e, pelo que ouço, as escolas públicas nem ensinam mais nenhuma história americana anterior à Guerra Civil; e qualquer coisa que ensinem é falsa: como dizer que os puritanos eram um bando de fanáticos brancos que não gostavam de armas porque eram odiosos e medrosos). No entanto, elas certamente estão bem doutrinadas com uma boa dose de mitologia lincolniana. Como ocorre com outros mitos, a única maneira de manter o mito é por meio de lavagem cerebral contínua. Estudantes de escolas públicas (e da maioria das escolas particulares e “cristãs”) são fortemente doutrinados com humanismo, pluralismo, diversidade, perversão da escolha de gênero, estatismo, holocaustianidade e idolatria a Deus. Está tão arraigado, por terem sofrido lavagem cerebral desde a infância, que escolhem a Babilônia e o Anticristo como reflexo, sem nenhum pensamento. A lavagem cerebral socialista foi totalmente eficaz; é por isso que as pessoas nos E.U.A. e no Canadá são cegas à cor, cegas ao gênero, cegas à religião, e não têm verdadeira moral, integridade, espinha dorsal nem capacidade de pensar logicamente.

“Meu povo é destruído porque lhe falta conhecimento; porque esqueceste Minha Lei, Eu esquecerei teus filhos...” soa verdadeiro, mas também soa “se Meu povo... se arrepender... abandonar seus

caminhos perversos e buscar Minha Face... Eu o livrarei e curarei...”
(paráfrase de Oseias 4:6 e II Crônicas 7:14)

Grimstad, em seu Antizion, escreveu:

“O Partido Republicano foi, em grande parte, uma criação judaica, como parte da campanha antiescravista e pró-guerra. Muitos imigrantes judeus de 1848, vindos das convulsões revolucionárias europeias, haviam sido ativos na campanha de Lincoln (ver Abraham Dittenhoefer’s *How We Elected Lincoln*; ver também *American Jewry in the Civil War*, de Bertram Korn). Mas, o mais importante, o banqueiro August Belmont-Schonberg e os interesses financeiros aliados aos Rothschild que ele representava foram a principal fonte de empréstimos que mantiveram a União militarmente em ação — assim como, por meio de outros canais supervisionados pelo secretário de Estado da Confederação, Judah P. Benjamin, o mesmo sindicato bancário judeu financiava o Sul.” (pp. 62, 63)

[Parece que, durante a era da Guerra Civil, o Partido Republicano era o partido mais liberal, e os democratas, os mais conservadores. Essa é a impressão que tive ao ler Richard K. Hoskins, *War Cycles - Peace Cycles*. Em algum momento entre então e agora, os papéis foram invertidos. Entretanto, esse é um ponto discutível; ambos os partidos agora estão completamente corrompidos e subvertidos e apenas desempenham os papéis de “policia bom” e “policia mau” — ou, na verdade, “policia mau” e “policia pior” (com o ocasional “policia estúpido” ou “policia inofensivo, mas simpático”).]

Lincoln, segundo consta, foi o único presidente dos E.U.A. que nunca disse ser membro de alguma fé religiosa específica. Ele não foi criado na igreja. Nunca foi membro de nenhuma igreja. Apesar das citações comuns sobre a Bíblia, Cristo e o cristianismo que os políticos frequentemente fazem como parte de sua construção e gestão de imagem de “Relações Públicas”, segundo consta, Abraham Lincoln também disse:

“A Bíblia não é meu Livro, e o cristianismo não é minha religião. Eu jamais poderia assentir às longas e complicadas declarações do dogma cristão.”

Lincoln é mais popularmente conhecido pelas citações *positivas* que fez sobre o cristianismo, Jesus Cristo e a Bíblia:

“Confio, Senhor, que Deus está do nosso lado. É mais importante saber que estamos do lado de Deus.”

“Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem do Salvador do mundo nos é comunicado por meio deste Livro. Muitas vezes fui levado a ajoelhar-me pela convicção avassaladora de que não tinha outro lugar aonde ir. Posso entender como seria possível a um homem olhar para a terra e ser ateu, mas não consigo conceber como ele poderia olhar para o Céu e dizer que não há Deus.”

“É dever das nações, bem como dos homens, reconhecer sua dependência do poder soberano de Deus e reconhecer a verdade sublime anunciada nas Sagradas Escrituras e comprovada por toda a história: que só são abençoadas as nações cujo Deus é o Senhor.”

Alguns chegaram até a afirmar que Lincoln era, na verdade, ateu, e alguns afirmam que ele realmente acreditava e praticava satanismo/bruxaria, e que Lincoln estava até escrevendo um livro sobre suas verdadeiras crenças religiosas. Entretanto, no início de sua carreira política, ele foi aconselhado por um amigo muito poderoso, que confessou acreditar da mesma forma, mas aconselhou Lincoln a queimar o livro e nunca mais mencioná-lo, ou estaria cometendo suicídio profissional. Essas alegações foram feitas pela antiga criada afro-americana de Lincoln (que, ao que parece, não teria nenhum interesse pessoal a defender contra o “Grande Emancipador”), que ditou suas lembranças a uma mulher branca por volta de 1890, mas elas não foram publicadas até cerca de 1980. O ex-sócio de advocacia de Lincoln ofereceu revelações semelhantes. [Veja: Lincoln’s Unknown Private Life.]

Sam Dickson, em *Shattering the Icon of Abraham Lincoln*, escreveu:

“O sócio de advocacia de Lincoln, William Herndon, ficou profundamente perturbado após a morte de Lincoln pelas representações populares de Lincoln como um santo cristão. Como assinala Dwight G. Anderson, autor de um estudo recente sobre Abraham Lincoln, Herndon sabia que Lincoln havia escrito um ensaio negando a divindade da Bíblia. Esse ensaio ou livro de Lincoln passou a ser chamado de “livro infiel”. As palestras e escritos de Herndon sobre o tema do ateísmo de Lincoln provocaram uma defesa imediata de Lincoln como cristão devoto. Entretanto, como Herndon astutamente assinalou, o fato do ateísmo inicial de Lincoln não pode ser negado, e a carreira política de Lincoln teria sido enormemente ajudada por alguma revelação pública de uma conversão dramática ao cristianismo. Nenhuma conversão desse tipo jamais foi estabelecida. Muito depois da controvérsia sobre o ateísmo ou a devoção de Lincoln ao cristianismo, foi descoberta uma declaração de Lincoln que ele emitiu em resposta a acusações de que não era cristão. Lincoln admitiu que não era membro de nenhuma igreja cristã, mas declarou que não havia negado a verdade das Escrituras e não havia falado com desrespeito intencional da religião em geral nem de qualquer denominação cristã específica. A declaração de Lincoln mostra que Herndon estava correto. A declaração é habilmente formulada, mas não indica nenhuma conversão ao cristianismo e não nega as afirmações de Herndon de que Lincoln havia negado a divindade das Escrituras. Lincoln diz apenas que não negou sua verdade. Lincoln deve ser admirado por sua honestidade nessa declaração ao não inventar alguma experiência de conversão e novo nascimento para ganhar votos. Nossa admiração por sua franqueza seria maior se ele tivesse desistido de referências piedosas e interesseiras ao Todo-Poderoso em discursos políticos ao longo de sua carreira.”

Herndon também relatou que Lincoln nunca falava sobre sua infância. Isso se afasta bastante do que nos ensinaram na escola sobre a infância feliz de Lincoln. Seriam essas apenas histórias simpáticas fabricadas para

consumo público, a fim de criar algum super-herói popular que o povo admirasse, amasse, respeitasse e em torno do qual se reunisse...?

Após a indicação de Lincoln para presidente em 1860, William Herndon (primeiro biógrafo e sócio de advocacia de Lincoln) registrou:

“Entre os primeiros jornalistas a chegar a Springfield depois da convenção de Chicago estava o falecido J. L. Scripps, do *Chicago Tribune*, que se propôs a preparar uma história de sua vida. O Sr. Lincoln desaprovou a ideia de escrever até mesmo uma biografia de campanha. “Ora, Scripps”, disse ele, “é uma grande tolice tentar fazer alguma coisa de mim ou de minha juventude. Tudo pode ser condensado em uma única frase, e essa frase você encontrará na *Elegia* de Gray,⁵ ‘Os curtos e simples anais dos pobres.’ Essa é minha vida, e isso é tudo que você ou qualquer outra pessoa pode tirar dela.” (Life of Lincoln)

Herndon disse que Lincoln falou apenas *uma vez* sobre sua mãe.

Entretanto, apesar dos comentários (possivelmente insinceros) de Lincoln que fazem parecer que ele acreditava na Bíblia, e apesar de seus comentários clandestinos anticristãos, ele de fato disse:

“Esta guerra jamais teria sido possível sem a influência sinistra dos jesuítas. Devemos ao papado o fato de agora vermos nossa terra avermelhada com o sangue de seus filhos mais nobres. Embora houvesse grandes diferenças de opinião entre o Sul e o Norte quanto à questão da escravidão, nem Jeff Davis nem qualquer um dos principais homens da Confederação teria ousado atacar o Norte se não tivessem contado com a promessa dos jesuítas de que, sob a máscara da Democracia, o dinheiro e as armas dos católicos romanos, até mesmo as armas da França, estariam à sua disposição se atacassem a nós.” — Charles Chiniquy (Fifty Years in the Church of Rome, (1885), p. 388)

5 Poema de Thomas Gray: *Elegy Written in a Country Church-Yard* (1751). Nota da R.A.B.

Entretanto, apesar dos comentários (possivelmente insinceros) de Lincoln que fazem parecer que ele acreditava na Bíblia, e apesar de seus comentários clandestinos anticristãos, ele de fato disse:

“Esta guerra jamais teria sido possível sem a influência sinistra dos jesuítas. Devemos ao papado o fato de agora vermos nossa terra avermelhada com o sangue de seus filhos mais nobres. Embora houvesse grandes diferenças de opinião entre o Sul e o Norte quanto à questão da escravidão, nem Jeff Davis nem qualquer um dos principais homens da Confederação teria ousado atacar o Norte se não tivessem contado com a promessa dos jesuítas de que, sob a máscara da Democracia, o dinheiro e as armas dos católicos romanos, até mesmo as armas da França, estariam à sua disposição se atacassem a nós.” — Charles Chiniquy (*Fifty Years in the Church of Rome*, (1885), p. 388)

“Vocês se ressentem de nós, mas não conseguem dizer claramente por quê... Não faz tantos anos que eu costumava ouvir dizer que éramos gananciosos por dinheiro e materialistas comerciais; agora a queixa que se sussurra por aí é que nenhuma arte e nenhuma profissão estão a salvo da invasão judaica.... Fugimos ao nosso dever patriótico em tempos de guerra porque somos pacifistas por natureza e tradição, e somos os arquitetos das guerras universais e os principais beneficiários dessas guerras. Somos ao mesmo tempo os fundadores e principais adeptos do capitalismo e os principais perpetradores da rebelião contra o capitalismo. Vocês nos acusam de incitar a revolução em Moscou e devem admitir a acusação. E daí?... Vocês fazem muito barulho e fúria sobre a indevida influência judaica em seus teatros e cinemas. Muito bem; concedido que sua queixa seja bem fundamentada. Mas o que é isso comparado à nossa influência assombrosa em suas igrejas, escolas, suas leis e seu governo, e nos próprios pensamentos que vocês pensam todos os dias?... Vocês ainda não começaram a apreciar a real profundidade de nossa culpa. Somos intrusos. Somos subversores. Tomamos seu mundo natural, seus ideais, seu destino, e causamos estragos neles.

Estivemos na base não apenas das mais recentes, mas de quase todas as suas guerras, não apenas da russa, mas de todas as outras grandes revoluções de sua história. Trouxemos discórdia, confusão e frustração para sua vida pessoal e pública. Ainda estamos fazendo isso.... Quem sabe que destino grande e glorioso poderia ter sido o seu se tivéssemos deixado vocês em paz. Mas não os deixamos em paz. Tomamos vocês em nossas mãos e derrubamos a bela e generosa estrutura que vocês haviam erguido, e mudamos todo o curso de sua história. Conquistamos vocês como nenhum império seu jamais subjugou a África ou a Ásia. E fizemos isso somente pela força irresistível de nosso espírito, com ideias, com propaganda. Vocês, cristãos, se preocupam e reclamam da influência dos judeus em sua civilização. Nós somos, vocês dizem, um povo internacional, uma minoria compacta em seu meio, com tradições, interesses, aspirações e objetivos distintos dos seus.... E vocês declaram que esse estado de coisas é uma medida para seu desenvolvimento ordenado; que confunde seu destino. Eu não vejo exatamente o perigo. Seu mundo sempre foi governado por minorias; e me parece indiferente qual seja a origem remota e o credo professado da clique governante. A influência, por outro lado, certamente está presente, e é muito maior e mais insidiosa do que vocês parecem perceber.... Isso é o que os intriga, diverte e às vezes exaspera em relação ao nosso jogo de provocação aos judeus. Parece portentoso. Vocês passam a sussurrar, aterrorizados, sobre a mão do judeu nisto, naquilo e na outra coisa. Faz-nos estremecer de alegria ao ver o mal que causamos a vocês quando lhes impomos nossa fé e nossas tradições alienígenas. E então vocês especificam e falam vagamente de financistas judeus e promotores judeus de filmes, e nosso terror se dissolve em riso. Os gentios, vemos com alívio, jamais conhecerão a real negrura de nossos crimes.... Chamam-nos de subversivos, agitadores, traficantes de revolução. É a verdade, e não me encolho diante de sua descoberta. Vocês continuam tagarelando sobre conspirações judaicas e citam como exemplos a Grande Guerra e a Revolução

Russa! Vocês podem se perguntar se nós, judeus, sempre levamos seus antissemitas de modo bastante leviano, enquanto eles não recorressem à violência?” — Marcus Eli Ravage (“A Real Case Against the Jews,” *Century Magazine*, janeiro-fevereiro, 1928⁶)

“Lembrem-se, meus filhos, de que toda a Terra deve pertencer a nós, judeus, e que os gentios, sendo meros excrementos de animais, não devem possuir nada.” — Mayer Amschel Rothschild em seu leito de morte, 1812

“Graças ao terrível poder de nossos Bancos Internacionais, forçamos os cristãos a guerras sem conta. Temos um valor especial para os judeus, pois os cristãos massacram uns aos outros e abrem mais espaço para nós, judeus. As guerras são a colheita dos judeus: os bancos judeus engordam com as guerras cristãs. Mais de 100 milhões de cristãos foram varridos da face da terra pelas guerras, e o fim ainda não chegou.” — Rabino Reichorn

Então, por que Lincoln não apontou o dedo para os financistas judeus e fomentadores da revolução? Washington, Franklin e Grant foram todos corajosos o bastante para chamar uma pá kosher de pá kosher. Por que Lincoln se calou sobre a questão? Ele fez comentários descarados e nada apologéticos sobre a raça negra, então por que não sobre os desprezíveis judeus turco-mongoloides que são historicamente conhecidos por estarem por trás de revoluções, sedições e corrupção há milênios?⁷ Voltaire bem disse: “Para saber quem manda em você, basta descobrir quem você não tem permissão para criticar.” Ou seria porque o próprio Lincoln era em parte judeu?... como alguns afirmam.

Lincoln foi assassinado em parte porque queria libertar os escravos — mas enviá-los todos de volta para a África;⁸ *e também porque estava no*

6 “A Real Case Against The Jews...”

7 Mais uma vez, veja Grimstad, *Antizion*.

8 O propósito era libertá-los para então destruir a sociedade cristã branca por dentro (bem, isso funcionou; assim como fizeram na África do Sul, os judeus estiveram à frente dos “direitos das minorias” em todas as nações da Cristandade; veja *The Jews and South Africa*® e *Bulala: A True Story of South Africa*®, o rabino Emanuel Rabinovich, em uma reunião especial do Conselho de Emergência dos Rabinos Europeus (janeiro de 1952), em Budapeste, Hungria, declarou alegremente:

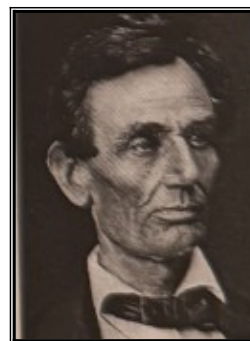
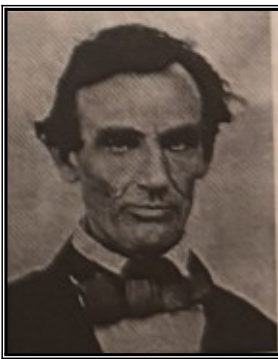
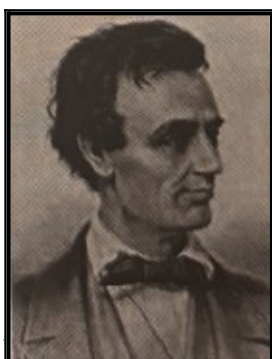
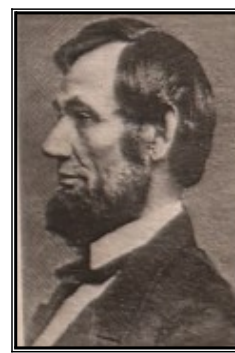
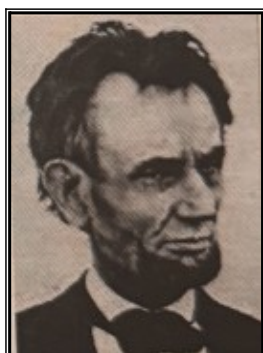
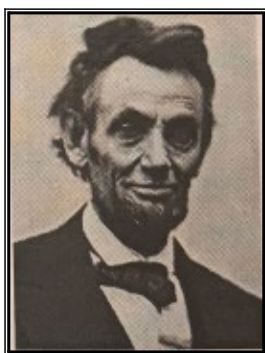
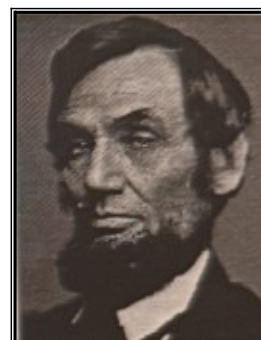
“Posso afirmar com segurança que a última geração de mulheres brancas está agora nascendo. Nosso controle do comunismo, no interesse da paz e da eliminação das tensões inter-raciais, proibirá os brancos de se acasalarem com brancos. As mulheres brancas devem coabitar com membros das raças escuras, e os homens brancos com mulheres

processo (como o presidente Andrew Jackson⁹) de pagar a Dívida Nacional sem tomar dinheiro emprestado dos judeus, por meio de seu sistema de greenbacks. Por esses crimes imperdoáveis, ele foi assassinado.

Além disso, os judeus queriam que os escravos fossem libertados para que pudessem tomar dinheiro emprestado dos bancos (os próprios escravos eram propriedade e, portanto, não podiam tomar dinheiro emprestado).

Alguns afirmam que Abraham Lincoln era em parte negro, e outros também afirmam que ele era em parte judeu — e não apenas aqueles que são “anti-Lincoln.” Após a morte de Lincoln em 1865,

O nariz e as orelhas proeminentes de Lincoln eram curiosos; ele era moreno e, nos complexos de sua juventude, o retrato dele como uma criança alta e desajeitada (cujas pernas esquerdas lhe dão a aparência de um marrano/judeu sefardita espanhol, ou possivelmente de um melungeon.



escuras. Assim, a raça branca desaparecerá, pois misturar o escuro com o branco significa o fim do homem branco, e nosso inimigo mais perigoso se tornará apenas uma lembrança.”

9 Veja: *Jackson and the Bankers*.

Alguns afirmam que Abraham Lincoln era em parte negro, e outros também afirmam que ele era em parte judeu — e não apenas aqueles que são “anti-Lincoln.” Após a morte de Lincoln em 1865, muitos judeus reagiram sentando-se em *shivah* (uma forma de luto praticada apenas por parentes imediatos), e rabinos por todos os E.U.A. o elogiaram. O rabino Isaac Mayer Wise (que fundou o “judaísmo reformista”) iniciou seu elogio com as palavras: “Irmãos, o lamentado Abraham Lincoln acreditava ser osso de nosso osso e carne de nossa carne. Ele supunha ser descendente de linhagem hebraica. Disse isso em minha presença.”

Outros judeus que, segundo consta, afirmam que Lincoln era em parte judeu são: rabino Jeff Kahn (Temple Har Shalom), professor Elizabeth Hirschman (Universidade Rutgers) e William Firshein (Departamento de Biologia Molecular e Bioquímica, Universidade Wesleyan,¹⁰ Middletown, Conn.).

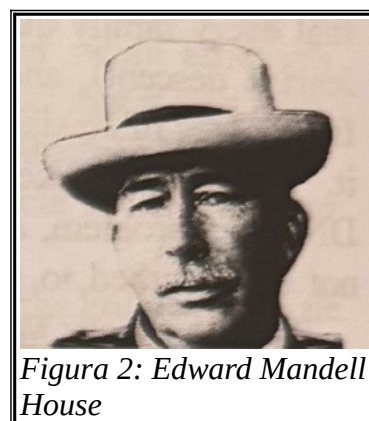
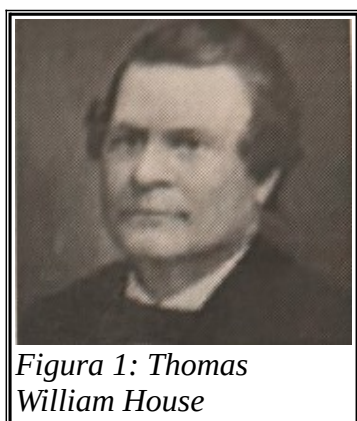
Abraham Lincoln teria nascido em Kentucky. Seu pai registrado era **Thomas Lincoln** (que era da Virgínia Ocidental), sua mãe era **Nancy Hanks**, da Virgínia. O nome do avô de Thomas Lincoln era Mordechai Lincoln.

Alguns afirmam que a mãe de Lincoln, Nancy Hanks, tinha algum sangue negro africano em sua ascendência; embora não haja prova disso. No entanto, como as fotos dos pais de Lincoln refletem, nada em suas fotos revela qualquer ascendência negra ou judaica óbvia. Para mim, Thomas Lincoln tem alguma semelhança¹¹ com **Thomas William House, Sr.**, um texano de destaque e posses — o 3º homem mais rico do Texas, comerciante e banqueiro. Alguns afirmam que ele era agente dos Rothschild. Era de ascendência britânico-



¹⁰ Pessoalmente, estou mais preocupado com o motivo de a Universidade Wesleyan ter um judeu como professor. Como um cristão pode sequer lecionar ali? Fundada pela Igreja Metodista Episcopal, recebeu o nome de Wesley — que, embora sua teologia em alguns pontos fosse antibíblica, especialmente sua adesão ao arminianismo e ao chamado “livre-arbítrio”, ao menos teve a prudência de dizer: “Não deem meu nome a uma denominação.” No entanto, como tanto os wesleyanos quanto os metodistas (por causa do “método” de Wesley) de fato deram esses nomes a denominações, como alguém pode sequer afirmar apegar-se à fé de Wesley? Do mesmo modo com os luteranos, já que Lutero também disse: “Não deem meu nome a uma denominação.”

holandesa e, embora supostamente fosse um “texano orgulhoso”, disse que queria criar seus filhos “para conhecer e servir à Inglaterra”. House foi pai do autodenominado “Cel.” **Edward Mandell House**, conspirador extraordinário; que, pela foto dele, de fato parece ter alguns traços judaicos. A mãe de Edward era Mary Shearn (nome que pode ser inglês, irlandês ou possivelmente judeu).

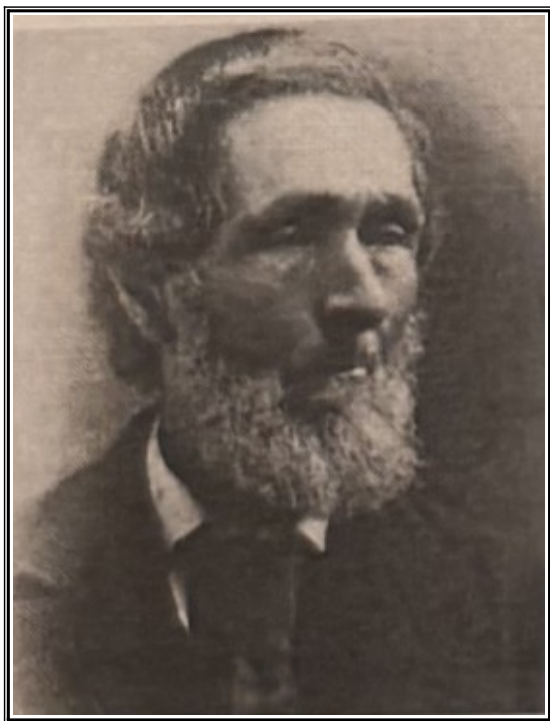


Embora seja claro que algumas características em pessoas de sangue misto possam pular uma geração, embora o próprio Abraham Lincoln tivesse algumas feições bastante estranhas que poderiam fazer os mais perspicazes levantarem uma sobrancelha, essas características não são evidentes em Thomas ou Nancy.

Alguns afirmam que os ancestrais de Lincoln vieram de Lincoln, Inglaterra, que tem uma antiga história judaica. Embora o assentamento de Lincoln possa ter existido desde os tempos romanos, mais tarde foi desenvolvido após a invasão normanda em 1066. Os normandos construíram a Catedral de Lincoln e o Castelo de Lincoln. Contudo, em 1159, Lincoln, Inglaterra, teve a infelicidade de encontrar-se com uma comunidade judaica (que mais tarde se multiplicou em outras 4). Segundo alguns relatos, um rabino Joseph de Lincoln, um erudito judeu, é mencionado nas notas mais modernas do Talmude, e um proeminente banqueiro judeu era conhecido como Aaron de Lincoln. Tão proeminente era a comunidade judaica em Lincoln que, em 1255, eles não puderam

11 As feições de Thomas Lincoln são claramente mais quadradas. Feições arredondadas seriam mais indicativas de sangue judeu (ou africano). Nem suas orelhas nem seu nariz são tão pronunciados quanto os de Abraham Lincoln. Orelhas grandes e nariz grande poderiam ser indicativos de sangue judeu; orelhas pequenas e nariz largo seriam mais indicativos de sangue africano.

mais ocultar os efeitos do Assassinato Ritual Judaico, e 91 judeus foram enviados a Londres para julgamento (18 sendo executados por seus crimes). Em 1290, o povo de Lincoln, Inglaterra, expulsou os judeus (como quase toda nação da Europa fez pelo menos uma vez,¹² a Inglaterra como nação o fez duas vezes, e, na maioria das outras, como nos E.U.A., Canadá, Austrália etc., eles não receberam plenos privilégios de cidadania e não podiam ocupar cargos públicos, e eram limitados apenas a certas profissões; até que os liberais começaram a infectar a mente dos povos e até que políticos traidores iniciaram sua implementação subversiva de legislação destruidora de nações). Assim, embora seja possível que Lincoln tenha derivado seu sobrenome de Lincoln, Inglaterra (mas isso não sugere que toda família que tomou seu nome daquela cidade fosse de ascendência judaica), e embora seja possível que a família Lincoln fosse de ascendência judaica, não há evidência que o comprove. Alguns gostariam que testes de DNA fossem feitos, mas encontrar DNA confiável é um problema, e Lincoln está enterrado profundamente e não deveria ser perturbado para satisfazer a curiosidade racial das pessoas.



O pai de Thomas Lincoln, Abraham, era um combatente indígena, que foi morto por um atirador indígena em um ataque traiçoeiro, quando Thomas (que talvez tenha testemunhado o assassinato) tinha apenas cerca de 6 anos. **William Herndon** descreve o pai de Lincoln (um fazendeiro e carpinteiro), que tinha 5 pés e 10 polegadas de altura, como: “proverbialmente lento de movimentos, mental e fisicamente; era descuidado, inerte e apático...” Entretanto, alguns discordam disso com base em alguns dos belos armários e móveis que Thomas

fazia como passatempo (e pessoas sem inteligência, de mente entorpecida, descuidadas e pouco ambiciosas raramente têm “passatempos” tão

12 Veja: *A Greater Miracle Than...*

criativos e exigentes). Quem sabe? — talvez a realidade fosse que Thomas não gostava de advogados arrogantes que tentavam insinuar que ele não era tão inteligente quanto eles, e por isso se fechava quando Herndon estava por perto. Abraham Lincoln e Herndon eram bons amigos (de 20 anos), e Lincoln expressou que Herndon “era meu homem, sempre acima de todos os outros homens do mundo”; portanto, não parece que Herndon tivesse algum interesse pessoal a defender. Na verdade, ele parece ter protegido a imagem de Lincoln. Herndon havia investigado as alegações de que o verdadeiro pai de Lincoln era um homem do oeste da Carolina do Norte, mas se recusou a falar disso. Herndon, porém, escreveu (sem a intenção de torná-lo público, ao menos não durante sua vida) que Thomas Lincoln não poderia ter sido o pai de Lincoln porque era estéril por causa de caxumba na infância e depois foi castrado (*The Hidden Lincoln: From the Letters and Papers of William H. Herndon*; consultar disponibilidade).

No entanto, em 1899, um estadista da Carolina do Norte, James Cathey, publicou *The Genesis of Lincoln*; disponível, consultar). Cathey obteve numerosas declarações e depoimentos juramentados de mais de 20 testemunhas atestando o fato de que era conhecimento comum que um tal Tar Heel, Abraham Enloe, era o verdadeiro pai de Abraham Lincoln. Um artigo no *Carolina Country* (fevereiro de 2009) revelou:

“...Nancy [Hanks] morava com os Enloes em Puzzle Creek [Carolina do Norte] como criada desde que tinha cerca de 12 anos. Quando tinha cerca de 17, segundo conta a história, ela e o alto e esguio Sr. Enloe envolveram-se intimamente. Nancy acompanhou a grande família até seu novo lar no condado de Swain, não muito longe de Waynesville, até que a gravidez de Nancy se tornou óbvia. O Sr. Enloe¹³ então providenciou para que seu amigo Felix Walker, do condado de Buncombe, levasse Nancy de volta à propriedade de Puzzle Creek, onde ela deveria ficar com Abraham. O que aconteceu em seguida é tão incerto quanto o que aconteceu antes, mas a história diz que o Sr. Enloe providenciou para trazer Nancy e Abraham de volta ao condado de Swain. Mas a Sra. Enloe os queria fora. Então, o Sr. Enloe providenciou para que fossem 300 milhas até Kentucky,

13 Segundo consta, a família de Enloe vinha de Maryland, mas era originalmente da Escócia.

um lugar onde ele havia estabelecido um moinho de grãos,¹⁴ e que ele pagou a um moleiro baixo, atarracado e indolente chamado Tom Lincoln para se casar com Nancy e cuidar da família. A história continua dizendo que, em algum momento, o Sr. Enloe soube que o Sr. Lincoln estava maltratando Nancy, então visitou a casa, consolou Nancy, foi surpreendido por um Sr. Lincoln bêbado, que então entrou em luta com o Sr. Enloe e mordeu seu nariz quase até arrancá-lo. R. Vincent Enlow, de Nova Jersey, publicou há pouco tempo um longo exame da história. Ele é parente distante de Abraham Enloe, assim como algumas outras pessoas no oeste da Carolina do Norte que se pareciam muitíssimo com Abraham Lincoln.”

Em 1899, Cathey entrevistou Wesley Enloe, filho de Abraham Enloe. Enloe afirmou:

“Nasci depois do incidente entre meu pai e Nancy Hanks. Tenho, porém, uma lembrança vívida de ouvir o nome Nancy Hanks ser mencionado com frequência quando eu era menino... Não tenho dúvida de que a causa de meu pai tê-la enviado para Kentucky é a que geralmente se alega.”

Muitos dizem que **Wesley Enloe** tinha uma constituição mais parecida com a de Lincoln do que Abraham Lincoln tinha com a de seu suposto pai, Thomas Lincoln. O próprio Abraham Enloe era um homem alto e esguio. Thomas Lincoln tinha apenas 5 pés e 10 polegadas (ou menos) e uma constituição atarracada.



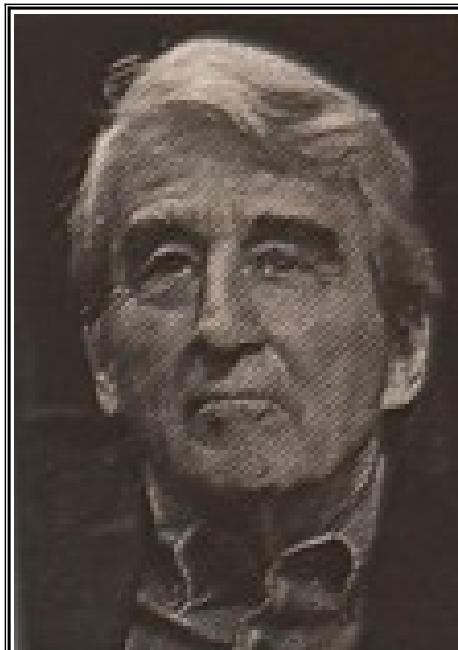
Alguns afirmam que Lincoln não falava sobre sua mãe por vergonha de que ela própria fosse ilegítima; mas é bem possível que ele não falasse

14 William Herndon registra que Lincoln tinha afeição pelo moinho de grãos, na área em que cresceu, em Kentucky: “A rotina monótona das tarefas e recados domésticos na vida cotidiana do menino era iluminada de vez em quando por uma visita ao moinho. Muitas vezes, anos depois, ouvi o Sr. Lincoln dizer que ir ao moinho lhe dava o maior prazer de seus dias de menino. Nota minha. R.A.B.” Não existem fotos de **Abraham Enloe**, mas uma representação artística, se precisa, mostra possíveis semelhanças. Se isso for verdade, então eu suporia (como alguns de fato afirmam) que Abraham Lincoln não era meramente em parte judeu, mas, mais especificamente, em parte *Melungeon*.

[A ilustração na verdade parece Sam Waterston (ator que interpretou Jack McCoy na longa série de TV *Law & Order*, que, embora tenha interpretado um irlandês, é escocês-inglês).]

sobre sua família ou infância porque ele mesmo era ilegítimo (3ª geração) e seu verdadeiro pai havia se aproveitado de sua jovem mãe e então a mandado embora para ser criada por Thomas Lincoln, que era duro com ambos.

Não existem fotos de **Abraham Enloe**, mas uma representação artística, se precisa, mostra possíveis semelhanças. Se isso for verdade, então eu suporia (como alguns de fato afirmam) que Abraham Lincoln não era meramente em parte judeu, mas, mais especificamente, em parte *Melungeon*.



A ilustração na verdade parece Sam Waterston (ator que interpretou Jack McCoy na longa série de TV Law & Order, que, embora tenha interpretado um irlandês, é escocês-inglês)

A maioria das pessoas provavelmente nunca ouviu falar dos melungeons (mas tanto Ava Gardner quanto Elvis Presley eram em parte melungeon). Eles são um povo escuro e híbrido da região dos Apalaches, no oeste da Carolina do Norte, nordeste do Tennessee e sudoeste da Virgínia. Suas origens estão envoltas em mistério, mas acredita-se que descendam de uma mistura heterogênea de escoceses-irlandeses, indígenas americanos, negros americanos e alguns elementos exóticos de turcos,

judeus marranos sefarditas (que também se misturaram aos mouros africano-árabes), ciganos e portugueses. Os melungeons costumam ser esguios e ter cabelo e olhos escuros e pele morena, até mesmo uma aparência aquilina algo semelhante à de Enloe — com uma ampla variedade de traços estranhos, até mesmo bizarros; embora, com o contínuo cruzamento com brancos, muitos apresentem hoje traços mais refinados, alguns até tenham pele clara, cabelos claros e olhos azuis, dependendo de quanto “cruzamento” a família tenha feito. Faça uma busca de imagens no Google para ver a ampla variedade de tipos, tanto claros quanto escuros. Alguns dos marranos permaneceram *conversos* (possivelmente auxiliando na corrupção da verdadeira doutrina cristã), enquanto outros permaneceram *criptojudeus* e “saíram do armário kosher” quando sentiram que era seguro fazê-lo. Segundo a Dra. Elizabeth C. Hirschman, em *Melungeons: The Last Lost Tribe in America* (descendente melungeon e professora da Universidade Rutgers) [consultar], parte da família Lincoln voltou a ser abertamente judia. Originalmente chamados de “pessoas livres de cor” ou “mulatos”, os melungeons tiveram negado o direito de possuir propriedades, votar ou frequentar a escola. Mantiveram-se isolados e acabaram adotando sobrenomes ingleses e escoceses-irlandeses (embora a maioria não tivesse sangue inglês nem escocês-irlandês), na esperança de, por fim, “misturar-se”.

Um traço não incomum dos melungeons é nascer com 6 dedos em uma ou ambas as mãos (o que também não é incomum entre judeus). Os dedos extras (muitas vezes não plenamente formados, mas meros pólipos carnudos) geralmente são cortados ao nascer, e os dedos, então, crescem em torno deles, deixando uma cicatriz quase imperceptível. A moderna atriz britânico-judaica que estrelou o recente filme de James Bond, Gemma Arterton, nasceu com esses 6 dedos; assim como Brent Kennedy, autor de *Melungeons* (consultar); originalmente subtítuloado, “An Untold Story of Ethnic Cleansing in America.” Kennedy, consultor de marketing de Atlanta, havia adquirido *erythema nodosum sarcoidosis*, uma doença que resultava em dores nas articulações e nos músculos, visão turva, exaustão, respiração dolorosa e erupções cutâneas. Em seu estudo para aprender mais sobre a doença, descobriu que ela era comum entre afro-

americanos, pessoas de ascendência mediterrânea e imigrantes portugueses na Nova Inglaterra. Ele pensava ser escocês-irlandês, por isso ficou intrigado com o motivo de ter uma “doença mediterrânea” — até fazer mais pesquisas e aprender sobre os melungeons. Muitas famílias melungeons se mudavam com frequência para evitar serem descobertas quando as pessoas começavam a suspeitar, e não permitiam que seus filhos brincassem ao sol porque ficavam escuros tão rápido. Kennedy sempre se perguntou por que as pessoas achavam que seu irmão parecia Saddam Hussein.

James Cathey, entrevistou um certo Coronel Davis que havia crescido em Illinois com Abraham Lincoln. Davis afirmou:

“Pelo que geralmente se entendia, naquela vizinhança, [Thomas] Lincoln, o homem que se casou com a mãe do Presidente, não é o pai do Presidente, mas que seu verdadeiro nome era Enloe.”

Um parente distante de Abraham Enloe, R. Vincent Enlow, fundamentou a história em sua publicação “The Abraham Lincoln Genesis Cover-up: The Censored Origins of an Illustrious Ancestor”, publicada em *Genealogy Today* publications, em 2001; em <http://www.genealogytoday.com/us/lincoln/genesis.pdf>), afirmando:

“No outono de 1860, pouco antes da eleição presidencial, Davis e sua amiga voltaram a Rutherford e passaram uma noite com o Dr. Egerton. Davis contou a Egerton que, em uma conversa particular com Lincoln, o candidato presidencial disse em confidência que era de ascendência sulista e que seu nome correto deveria ser Enloe, mas que ele sempre havia usado o nome de seu padrasto.”

Há muitos relatos naquela área da Carolina do Norte sobre pessoas que afirmavam que Nancy Hanks teve um pequeno filho chamado Abraham, em 1804, 2 anos antes de Tom Lincoln se casar com ela e 5 anos antes de Abraham Lincoln supostamente nascer em Kentucky. Algumas pessoas que supostamente estiveram no casamento de Tom Lincoln com Nancy Hanks (incluindo o pastor) também afirmam que havia um menino pequeno chamado Abraham no casamento.

A mãe de Lincoln morreu relativamente jovem, em 1818, quando ele supostamente tinha 9 anos. Quando Thomas Lincoln morreu, em 1851, Abraham Lincoln nem sequer compareceu ao funeral. Lincoln era frequentemente atacado, em uma sociedade que antes já foi branca, por causa de sua “pele muito escura” e de bochechas “coriáceas e cor de açafraão”, além de um rosto que era “amarelado” e cabelos “escuros, quase pretos”. Quando concorreu a um cargo público, seus adversários o chamavam de “negro”, “mulato” e até de “Abraham Africanus”, e ele recebia periodicamente correspondências igualmente insultuosas. O *Charleston Mercury* descreveu Lincoln como alguém da “compleição mais suja” e acrescentou: “Depois dele, que homem branco seria Presidente?”

Herndon mesmo observou o surto de crescimento bastante incomum e precoce de Abraham Lincoln: “Em seu décimo primeiro ano, ele iniciou aquele crescimento maravilhoso e rápido em estatura pelo qual era tão amplamente conhecido.” O surto de crescimento adolescente normalmente só começa na puberdade, que ocorre entre os 9 e os 14 anos nos meninos, *hoje.... hoje*. Lorraine Day, M.D., relata: “O início da puberdade diminuiu cerca de 6 meses a cada década desde meados dos anos 1800. A puberdade costumava ocorrer no fim da adolescência...” (*The Destruction of Childhood — de Loving Parents! Killing them “Softly”!*) Contudo, a mudança não aconteceu de maneira tão uniforme; em nossos tempos, ela ocorreu com hormônios e substâncias químicas no abastecimento alimentar, e material sexualmente explícito, e a destruição dos papéis de gênero, o que levou as crianças a começarem a experimentar em idades cada vez mais precoces.

Aqueles que rejeitam a ancestralidade Enloe afirmam que esta foto do primo de primeiro grau de Abraham Lincoln, Jacob Lincoln (1815–1889), mostra mais semelhança familiar com a família Lincoln. Embora Jacob Lincoln possa ter algum grau de semelhança, provavelmente se poderia encontrar dezenas de pessoas sem parentesco que também apresentem esse pequeno grau de similaridade. A pergunta que me parece gritante é: por que tiveram de procurar tão longe quanto um



primo de primeiro grau para encontrar semelhança com a família Lincoln? Além disso, o próprio Jacob Lincoln parece que poderia ser em parte indígena americano, embora saber de que lado da família isso pode vir exigiria fotos de seus pais e avós. Ele é mais velho nesta foto e tem um nariz bastante pronunciado; as feições ficam um pouco distorcidas, então talvez ele na verdade não fosse em parte indígena; mas, se alguém dissesse que seu nome era “Jacob Two-Feathers”, pergunto-me quantas pessoas teriam duvidado disso (especialmente se lhe fosse dado um cocar ou uma cartola com uma pena). Pode-se encontrar esse debate espalhado por toda a internet; a família Enloe até lançou o desafio e declarou: *submit some of Abraham Lincoln’s DNA (or that of a factual relative) to DNA testing and compare it to ours and if it is not a match we will shut up and let it rest*. Até agora, nenhum descendente ou ninguém que tenha o DNA de Lincoln em sua posse respondeu ao desafio. Tipicamente, essas pessoas recorrem à retórica invectiva e se referem a tais pessoas como “malucos” ou “pirados”, mas nunca assumem a simples ação que encerrará os “insultos” permanentemente. Um parente dos Enloe declara:

“Abraham Enloe era meu trisavô. De acordo com histórias transmitidas pela minha família e segundo vários livros escritos no fim dos anos 1800, Abraham Enloe e sua esposa tinham uma criada contratada chamada Nancy Hanks, que vivia com eles como parte da família. Abraham Enloe teve um filho com a jovem, e ela o chamou de ‘Abraham’. A Sra. Enloe não suportava ver a criança dentro de casa e disse que ele tinha de ir embora, então Abraham arranhou um homem que conhecia por meio de negócios em Kentucky para se casar com Nancy. Ele deu a Tom Lincoln \$500 (muito dinheiro naqueles dias) para se casar com a moça e levar a criança, junto com ela, para Kentucky, e continuou a enviar dinheiro mensalmente a eles para as despesas de subsistência. Uma declaração juramentada afirma que, quando Tom Lincoln e Nancy Hanks partiram na carroça da Carolina do Norte, o jovem Abraham ficou sentado entre eles. Eles criaram o menino, Abraham Lincoln, que mais tarde se tornou o Presidente Abraham Lincoln.”

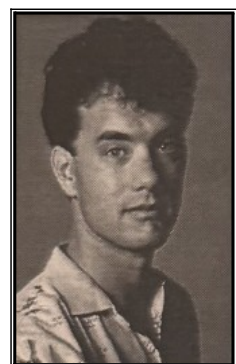
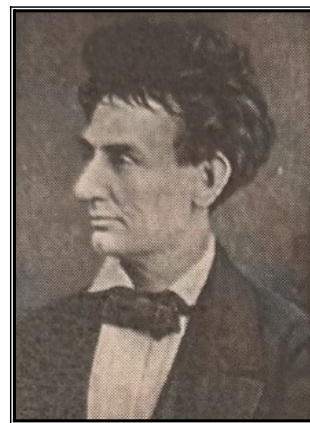
Outro parente afirma:

“Tenho fotos de um bom número de parentes Enloe que se parecem quase exatamente com Lincoln. Vários deles tinham síndrome de Marfan, sofriam de depressão e minha irmã também tem Marfan, além de sofrer de transtorno bipolar; ela é alta, tem feições assimétricas (Deus a abençoe, parece uma versão feminina de Lincoln), dedos longos e desproporcionais, mãos e pés que às vezes ficam muito brancos etc. A única razão pela qual tenho alguma crença de que essa história talvez seja verdadeira é que Lincoln se parece tanto com meus parentes e nada com seu pai ou mesmo com seus meio-irmãos — Tom Lincoln era baixo (cerca de 1,65 m) e não há absolutamente nenhuma semelhança familiar ali.”

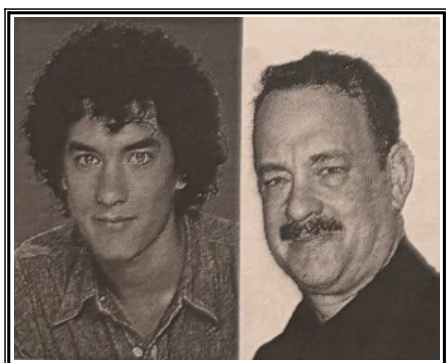
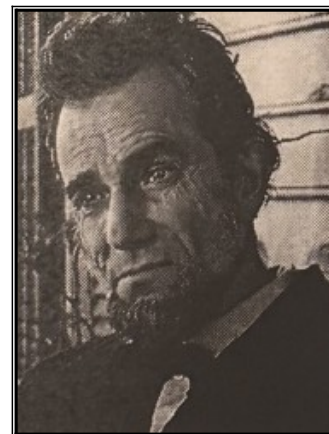
[Há claramente discrepâncias aqui quanto à altura de Thomas Lincoln. Fotos/semelhança por si sós, é claro, não são evidência; mas, à luz de todas as outras alegações feitas por outros, servem como evidência circunstancial cumulativa digna de investigação. Alguns afirmam que Lincoln pode ter sofrido de síndrome de Marfan. Independentemente disso, William Herndon, em sua biografia, escreveu que Lincoln sofreu a vida inteira com depressão e pensamentos suicidas.]

Ainda assim, o “Grande Emancipador” agiu mais como um ditador, apesar das agradáveis frases de efeito que oferecia à mídia para fazer as pessoas pensarem o contrário. *Veja: Political History of United States of America During Great Rebellion, The Real Lincoln, and Record of the Hon. Cl. Vallandigham on Abolition, the Union, and Civil War.* Tudo o que podemos ter certeza é que não podemos ter certeza de nada. Como Kennedy, houve tanta desinformação cuidadosamente espalhada que nem mesmo um farejador profissional conseguiria seguir a trilha traçada e semeada com tantas pistas falsas. Está claro que alguns indivíduos muito poderosos não querem que a verdade sobre Lincoln ou Kennedy jamais venha à tona; assim, o armário das “teorias da conspiração” foi abarrotado de teorias espúrias, de modo que encontrar a verdade seria como encontrar uma agulha em um palheiro completamente cheio — com 1.000 agulhas falsas espalhadas por ele.

Lorde Byron, George Gordon, disse: “A verdade é estranha; estranha mesmo — mais estranha que a ficção.” De fato, Henry Ford disse: “A história é uma bobagem!” O ator americano Tom Hanks é primo em terceiro grau, quatro vezes removido, de Abraham Lincoln, por meio da mãe de Abraham Lincoln, Nancy Hanks. O tataravô de Lincoln era John Hanks, que também era o trisavô de Tom Hanks. A mãe de Tom



(Frager) era de ascendência portuguesa (originalmente *Fraga*, “penhasco íngreme”, que pode ser judia sefardita), o que pode explicar a leve semelhança com as possíveis feições melungeon de Lincoln. Curiosamente, no mais recente filme “ficcional” de Spielberg sobre Lincoln, Lincoln foi interpretado pelo ator “irlandês” Daniel Day-Lewis, cuja mãe era judia.



“[Com a idade e quando usa bigode, as raízes portuguesas de Tom Hanks são mais pronunciadas (o que também era evidente em sua juventude, quando usava o cabelo crespo mais comprido). Hanks é um grande ator (com uma carreira incrível), assim como Lewis.]”